

# Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra  
Junho de 2010

## A MESTRIA DO POETA LÍRICO: NOTAS SOBRE HORÁCIO (9)

### *ODE 4.13*

#### 1. Texto

Audiuere, Lyce, di mea uota, di  
audiuere, Lyce: fis anus et tamen  
uis formosa uideri  
ludisque et bibis inpudens  
et cantu tremulo pota Cupidinem  
lentum sollicitas. Ille uirentis et  
doctae psallere Chia  
pulcris excubat in genis.

Importunus enim transuolat aridas  
quercus et refugit te quia luridi  
dentes, te quia rugae  
turpant et capitis niues.

Nec Coae referunt iam tibi purpurae  
nec cari lapides tempora, quae semel  
notis condita fastis  
inclusit uolucris dies.

Quo fugit Venus, heu, quoue color, decens  
quo motus? Quid habes illius, illius,  
quae spirabat amores,  
quae me surpauerat mihi

felix post Cinaram notaque et artium  
gratarum facies? Sed Cinarae breuis  
annos fata dederunt,  
seruatura diu parem

cornicis uetulae temporibus Lycen,  
possent ut iuuenes uisere feruidi  
multo non sine risu  
dilapsam in cineres facem.

## 2. Tema

Em texto de invulgar tessitura retórica, conjuga Horácio vários dos seus temas predilectos, numa articulação meticulosa, coerente e particularmente sugestiva: o fluir do tempo, a juventude e a velhice, a beleza, o amor, a mulher.

Retrato de decadência, no que a Lice, a destinatária, diz respeito (e, por isso mesmo, implacavelmente sarcástico), a ode desenvolve-se em torno desta figura, outrora bela, por certo, mas que parece, agora, trilhar os caminhos da decepção, em vão arrimada a atributos que não possui já, em vão empenhada em exibir os dotes de que, com o rodar dos anos, a natureza a veio desamparando.

Assim desafia o poeta os avisos de que está repleta a sua poesia: o aviso de que o tempo passa, inexorável, e de que, portanto, há que aproveitar a idade; o aviso de que a velhice espreita e de que, como em outro passo ensinava, o tempo humano não tem retorno, ao contrário do que sucede com o devir cíclico das estações; o de que, por isso mesmo, a beleza tem o seu tempo e de que esse tempo não volta mais; o de que o amor e o prazer devem ser vividos no tempo certo; o de que, enfim, os amores de hoje podem ser, amanhã, a rejeição.

Vive Lice na ilusão da formosura que se desvaneceu já e, ao mesmo tempo que parece esperançada nos dotes de tempos idos, exhibe, paradoxalmente, um comportamento que é o retrato inclemente da sua decadência: bebe com desmesura e, não obstante a imagem degradante que de si mesma constrói, busca, ilusoriamente, os prazeres do amor que lhe vão ficando irremediavelmente arredios: a voz entorpecida de idade e de álcool, o corpo ressequido, os dentes amarelos, o rosto sulcado de rugas, os cabelos esbranquiçados configuram tudo menos a sensualidade própria do amor e propícia à sedução.

Cabe a outras, agora, o papel que antes desempenhava; Quia, por exemplo, modelo de beleza e elegância.

Antes tivesse tido a sorte de Cínara, também ela um exemplo de beleza e sensualidade, a quem os deuses foram favoráveis, pois a levaram ainda no

verdor dos anos, antes que viesse a transformar-se numa gralha sem graça, e a ver desfazer-se em cinzas aquela que era, em si mesma, uma tocha permanente.

A dimensão satírica do poema, enfim, sobressai na abertura: os deuses escutaram os votos do poeta. Não se diz porquê; mas não é impossível antever que Lince, nos tempos do seu esplendor, o terá desprezado, na arrogância típica das muitas beldades em que é pródiga a poesia latina deste século e a que Horácio não é alheio. A vingança ali está, à vista de todos: a degradação física, a decadência, a perda da beleza.

### 3. Estrutura

Ao contrário de Quinn, que vê nesta ode uma estrutura bipartida, com as estrofes 1 a 3 a definirem a cena delineada, onde uma primeira parte remete para o universo real (1-2) e uma segunda para um universo mítico (3), e as estrofes 4 a 7 a desenvolverem um conjunto de reflexões a partir da realidade assim retratada, talvez seja preferível a leitura de Paolo Fedeli:<sup>1</sup>

Tudo se passa em torno de uma estrofe central, a estrofe 4: aí se enumeram, pela negativa, os atributos para sempre perdidos e que já não voltarão mais e que nem a cosmética ou vestes resplandecentes e sedutoras lograrão reinventar.

Em torno de tal estrofe, portanto, se desenvolvem as três primeiras:

1 – o anúncio dessa espécie de vingança (os votos do poeta, a que os deuses foram sensíveis), a afirmação inequívoca e brutal da velhice (*fis anus*), o retrato da decadência.

2 – prossegue, em projecção, o retrato que vem dos versos finais da estrofe anterior e, logo depois, acrescenta-lhe um outro, o da decepção: em vão reclama Lince por Cupido, ou seja, pelo amor, pois ele detém-se, agora, por inteiro, em Quia, a jovem encantadora, modelo de formosura e graciosa no dedilhar da lira.

3 – retoma o retrato desenhado em 1 (e no começo de 2) e adensa-o de cores e traços cruéis: a voz entorpecida de idade e de álcool, o corpo ressequido, os dentes amarelos, o rosto sulcado de rugas, os cabelos esbranquiçados.

Passada a estrofe central (4), é o lugar para a reflexão, tão cara a Horácio, sobre o fluir do tempo e da idade.

---

<sup>1</sup> Q. *Horatii Flacci Carmina liber IV* (introd. Paolo Fedeli e coment. Paolo Fedeli e Irma Ciccarelli). Firenze, Felice Le Monier, 2008.

5 – remete para o passado, irremediavelmente perdido, para a beleza que se esvaiu com o tempo, e com ela a cor, a graciosidade, a capacidade de sedução. No fluir dos anos, tudo se perdeu e não há já rasto do encanto dos dias passados.

6 – à semelhança da estrofe 3, evoca um outro nome feminino, Cínara, também ela um exemplo de formosura. O objectivo, porém, é servir de contraponto: a Cínara, foram-lhe propícios os deuses, pois a levaram antes que os anos nela produzissem o efeito que fazem, agora, sentir em Lice. Não teve tempo Cínara de reflectir, nos gestos e no corpo, os resultados da idade.

7 – apesar de, aparentemente, continuar a falar de Cínara, isto é, do que a Cínara não aconteceu, o que pretende é, uma vez mais, acrescentar os derradeiros traços ao retrato decadente de Lice, a tocha (sugestiva metáfora) que em cinzas se desfaz.

Resulta desta leitura um interessante diálogo entre as várias estrofes: se 4 ocupa a posição central, e em torno dela se desenvolvem as demais, 2 e 6 mantêm entre si estreita relação, na medida em que introduzem o paralelo com uma outra figura feminina, respectivamente Quia e Cínara, a primeira do presente, a segunda do passado; já os pares constituídos pelas estrofes 1-3 e 5-7 juntam-se na definição do retrato de decadência.

#### 4. Notas

*Audiuere, Lyce... audiuerere, Lyce; di... di*: anáforas de grande efeito enfático. É de notar, como sublinha Fedeli, que toda a primeira estrofe está repleta de sons que se vão ecoando: *auDIuere... auDIuere... DI... DI...*; e bem assim *fis... uis... bibis* e *audiuere... audiuerere... uideri*.

A anáfora é, de resto, um dos artifícios retóricos mais utilizados em todo o poema: *te... te* e *quia... quia* (est. 3); *nec... nec* (est. 4); *quo... quo... quo*, bem como *quae... quae* e *illius... illius* (est. 5).

Além disso, sublinhem-se as aliterações das estrofes 1, 2 e 5, tal como as sugestivas ressonâncias ou ecos, por exemplo, em *felix... facies... fata* (est. 5), ou *cineres*, que evoca *Cinara* (est. 7).

*Audiuere di mea uota*: aparentemente, como acima se diz, o poeta terá razão de queixa de Lice, porventura porque, no tempo em que a beleza era a sua “imagem de marca”, como hoje se diz, poderá ter recusado conceder-lhe os seus favores.

*Fis ... uis*: além do efeito fónico, há uma clara contraposição, em jeito de antítese, entre ambos os verbos.

*Ludis*: o significado é de natureza sexual, como, aliás, se sugere na tradução.

*Bibis impudens*: na opinião de Ovídio, a embriaguez da mulher era uma das piores imagens que ela de si mesma poderia dar; tornava-se merecedora de ser levada por qualquer um.

*Fis anus... formosa uideri... bibis impudens*: merece realce o duplo quiasmo, como, já antes, em *audiuere di... di audiuerunt*.

*Cantu tremulo*: um traço mais no retrato de velhice – a voz trémula, desafinada, incapaz de articular um canto digno desse nome.

*Cupidinem lentum*: imagem eficaz da decadência; aquela que *ludit* mais não consegue que a frustração de um prazer “retardado”.

*Virentis Chiae*: a frescura de Quia contrapõe-se à imagem degradada de Lice, bem expressa, desde o começo, em *fis anus*. Do mesmo modo, as *pulcræ genæ (pulcris genis)* da jovem são o oposto das *rugæ* visíveis no rosto de Lice.

*Importunus*: atributo raro em Cupido e que, por isso mesmo, tem, aqui, sugestivo efeito, no tom sarcástico da ode. *Refugit*, aliás, reforça a imagem.

*Aridas quercus*: metáfora de carácter incisivo e fortemente corrosiva, que a sucessão *luridi dentes... rugæ e capitis niues* inequivocamente acentua.

*Coae purpuræ... cari lapides*: sinais de luxúria antiga, que consigo levou o tempo; o tempo, esse mesmo (*tempora... dies*) que, na sua inconstância, ora mostra, ora esconde.

*Quo fugit...* a expressão fulcral tão cara a Horácio: tudo, na vida, é fugacidade – a beleza, o amor, os atributos de riqueza. Essa a verdade que jamais se cansará de celebrar e que, nesta ode, ocupa, como em tantas outras, lugar de particular destaque.

*Breuis annos*: mantém-se, como um bordão, a insistência nos opostos; a breve vida de Cínara, que foi, afinal, não um castigo dos fados, mas, antes, uma dádiva, contrapõe-se à idade inclemente de Lice; àquela, pouparam-na os fados à degradação e à decadência; a esta, castigaram-na com uma vida mais longa, que lhe roubou os encantos e semeou de frustração os dias do presente.

*Cornicis uetulae... Lycen... iuuenes*: nova antítese que culmina no paradoxo final: a *facem*, aquela que fora, outrora, o fogo do amor e do prazer, agora convertida em *cineres*.

## 5. Tradução

Escutaram os deuses, ó Lice, os meus votos, os deuses  
escutaram, ó Lice; tornas-te velha e, mesmo assim,

queres parecer formosa  
e dás-te a prazeres e bebes sem vergonha

e, de voz desafinada, já encharcada em vinho, reclamas  
Cupido, que vai tardando. Mas ele estava pousado  
no rosto formoso de Quia, ainda viçosa  
e uma artista a dedilhar a cítara.

Ele é acintoso e, em seu voo, passa ao largo de carvalhos  
ressequidos e foge de ti, porque dentes amarelecidos,  
de ti, porque rugas te desfiguram  
e as neves que tens sobre a cabeça.

E já nem as púrpuras de Cós nem caras pedrarias  
te trazem de volta os momentos que, um dia,  
em fastos famosos, escondeu  
o tempo que não cessa de voar.

Para onde fugiu Vénus, pobre de ti!, para onde a cor, para onde o encanto  
de teus gestos? Que possuis tu, ainda, daquela beleza, daquela  
que respirava amor,  
que a mim mesmo me arrebatava,

tu, que foste afortunada, depois de Cínara, e famosa, graças a  
tuas artes encantadoras? Mas a Cínara, curtos  
foram os anos que os fados lhe concederam,  
e largo tempo haviam de conservar, para igualar

em idade a velha gralha, Liceu,  
para que pudessem ver os jovens ardorosos,  
não sem largas gargalhadas,  
a tocha a desfazer-se em cinzas.

CARLOS ASCENSO ANDRÉ